

MAIO DE 68, APÓS 40 ANOS, E CONSTITUIÇÃO DE 1988, APÓS 20 ANOS: UM BALANÇO NO CRUZAMENTO DE CONQUISTAS HISTÓRICAS

MAY OF 1968 FORTY YEARS LATER AND THE BRAZILIAN CONSTITUTION OF 1988 TWENTY
YEARS LATER: A BALANCE IN THE CROSSING OF HISTORICAL CONQUESTS

*Eduardo Carlos Bianca Bittar**

Resumo:

Uma retrospectiva do ano de 68 que se apresenta como uma data de ampla significação social e que, pode ser olvidada.

Palavras-chave: Constituição Federal de 1988. Herbert Marcusi. Jean-François Lyotard. Pós-modernidade.

Abstract:

A retrospect of the year of 68 presented as a time of great social meaning, that cannot be forgot.

Keywords: Federal Constitution of 1988. Herbert Marcuse. Jean-François Lyotard. Pos-modernity.

Quando se trata de refletir a respeito dos fenômenos históricos e de suas conseqüências, no final do século passado, o ano de 68 aparece como uma data de ampla significação social e que, exatamente por isso, não pode ser olvidada. Geralmente desprezada pela cultura jurídica, tem-se em maio de 68 uma grande revolução se processando, esta que é o epicentro de um conjunto de transformações da sociedade contemporânea, transformações essas que haverão de se consolidar na consciência da crise da modernidade. Essa consciência contagia o ambiente acadêmico, que, através do pensamento crítico de Herbert Marcuse e da sociologia de Jean-François Lyotard, incentiva, capta e descreve o estado das formas sociológicas e dos valores após maio de 68 dando *status* científico a respeito do debate acerca do nascimento da ‘pós-modernidade’, debate este que continua profundamente aceso atualmente, não-obstante enigmaticamente interpretado. Um dos grandes legados teóricos desse período será exatamente a impossibilidade, em ciências sociais, de se ignorar o sentido desta expressão após essa data. Nesse sentido, se modernidade e pós-modernidade estão imbricadas, o direito hodierno muito deve a maio de 68 por sua atual conformação.

* Livre-Docente e Doutor, Professor Associado do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; Membro do Conselho Editorial da *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*; Membro do Grupo de Conjuntura Internacional da USP; Professor do Instituto de Relações Internacionais da USP. Pesquisador-Sênior do Núcleo de Estudos da Violência da USP. Presidente da Associação Nacional de Direitos Humanos (ANDHEP/ NEV-USP). Coordenador do Grupo de Pesquisa “Democracia, Justiça e Direitos Humanos: estudos de Escola de Frankfurt”, junto ao NEV-USP. Professor e pesquisador do Mestrado em Direitos Humanos do UniFIEO.

Nesse contexto, uma grande força teve papel de protagonista da história: o movimento estudantil.¹ Em maio de 68, ao longo de todo o mês, mobilizando a princípio cerca de 10 a 15 mil estudantes, para envolver ao final cerca de 80 mil estudantes, o movimento, que, a princípio era estudantil, e, em seu decorrer, se torna um movimento social, havia a motivar o seu estopim um romantismo utópico suspenso no ar, e uma profunda sensação de responsabilidade histórica pela mudança do *status quo*, baseada na insatisfação com o *establishment*.² Desta atmosfera se nutriam indivíduos embriagados pelo ópio do ideário libertário e pós-moderno que surgia; tratava-se de um ideário que mesclava ideais marxistas e anarquistas de sociedade, com movimentos estudantis e reivindicações juvenis sociais e/ou de minorias portadoras de pequenas narrativas que construía a mentalidade de um tempo de efervescência, culminando com a eclosão de maio de 68, em Paris.³

Este é um evento histórico de alto simbolismo; trata-se da eclosão de reivindicações informadas por altos ideais de transformação social, e profundamente influenciadas pelos referenciais marxiano e frankfurtiano, com destaque para Herbert Marcuse, mas que hoje representam o selo de uma mudança radical de concepção de mundo. Este episódio pode ser considerado a grande revolução do final do século XX, pois movimenta forças eróticas contra forças destrutivas,⁴ alavancando mudanças radicais nos modos de vida e na conformação social desde então. Ali estava nascendo a pós-modernidade, que será alguns anos mais tarde lida e dissecada por Jean-François Lyotard.⁵

¹ “O movimento começou muito inocentemente... como um movimento pela reforma da universidade.” (LOUREIRO, Isabel (Org.). *Herber Marcuse: a grande recusa hoje*. Tradução de Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 57).

² “Em outras palavras, é uma recusa a continuar aceitando e a se conformar com a cultura da sociedade estabelecida, não só com as condições econômicas, não-só com as instituições políticas, mas com todo o sistema de valores que eles sentem estar apodrecido no âmago. Penso que a esse respeito pode-se de fato falar também de uma revolução cultural. Revolução cultural porque é dirigida contra todo o *establishment* cultural, incluindo a moralidade da sociedade existente” (Id. *Ibid.*, p. 63-64).

³ “A primeira grande explosão dessa consciência em transformação foi o movimento estudantil de maio de 68” (Id. *Ibid.*, p. 17).

⁴ “Algo assim existe. Em grande medida vejo essas tendências a uma ascensão de energias eróticas contra a pulsão destrutiva no movimento ecológico, no movimento de proteção ao meio ambiente. Pois a criação de um meio ambiente pacífico, calmo e belo é justamente trabalho de Eros” (Id. *Ibid.*).

⁵ “A condição política pós-moderna se baseia na aceitação da pluralidade de culturas e discursos. O pluralismo (de vários tipos) está implícito na pós-modernidade como projeto. O colapso da grande narrativa é um convite direto à coabitação entre várias pequenas narrativas (locais, culturais, étnicas, religiosas, ideológicas)” (HELLER, Agnes; FEHER, Ferenc. *A condição política pós moderna*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 16). LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de José Bragança de Miranda. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

É do pensamento político de Agnes Heller que se pode ouvir a seguinte frase: “*Como teoria social, o pós-modernismo nasceu em 1968*”.⁶

Contra este movimento, as alas sociais mais conservadoras se levantaram, seja para invocar a “ordem”, seja para recorrer à “lei”, seja para recriminar toda forma de “violência”. O recurso ao uso da força é invocado como necessário sob a justificativa de que a “retomada da ordem” é necessária, pois afinal o capitalismo precisa continuar marchando impetuosamente em direção ao futuro. Por isso, o recurso à implicação da força policial parece costumeiro nestes episódios, como relata Marcuse: “*A Polícia apareceu e invadiu a Sorbonne, pela primeira vez na história dessa universidade*”.⁷ Será que se deve tratar com Polícia os temas implicados nos movimentos estudantis e movimentos sociais? Antes, portanto, de se tratar da necessidade de apresentar uma *solução* aos conflitos instaurados na linha dos movimentos estudantis, trata-se de perceber que cumprem um processo fundamental na dialética da história, remodelando os traços do real, provocando cisões e rupturas que dão o tônus dos processos emancipatórios.

O contrário disso sim, é lamentável. O contrário disso é o convívio com uma juventude desencantada e que vive a angústia do fim das utopias, da exaustão das grandes metanarrativas, a ascensão de um modo de vida menos político e mais estético, menos coletivo e mais individual, mais leve e consumista, mais líquido e inconsistente, mais frenético e desbussolado. Certamente, como massa de manobra, este modelo parece ser mais condizente. No entanto, só se pode enxergar na juventude a forja do amanhã; por isso, uma juventude conformista é uma juventude acovardada antes mesmo de viver a tentativa de intervir na história.

Ainda que quarenta anos nos distanciem desse período, as energias utópicas que movimentaram maio de 68, como explosão histórico-erótica, no sentido marcuseano,⁸ continuam acesas, apesar dos refluxos sofridos e dos novos matizes assumidos pelas bandeiras à época levantadas. Trata-se de um período conturbado, política e ideologicamente, dividido pela partição bipolar do mundo entre capitalismo e socialismo, cheio de muita agitação transformadora, decorrente da força de uma juventude marcada por um ímpeto

⁶ HELLER, Agnes; FEHER, Ferenc. *A condição política pós-moderna*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 200.

⁷ LOUREIRO, Isabel (Org.). op. cit., p. 58.

⁸ “O protesto dos jovens continuará porque é uma necessidade biológica. ‘Por natureza’, a juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o ‘atalho para a morte’, embora controlando os meios capazes de alongar esse percurso. Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política” (MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999. p. 23).

emancipatório extremamente vigoroso. Uma profusão de eventos marca a distinção de uma época de tensões, que envolvem diversos temas: a guerra, a fome, a injustiça, a ditadura, o conservadorismo, o machismo, a sexualidade, a liberdade estética, entre outros.

Por isso, o ano de 68 será marcado por significativos eventos: em 28 de março de 68, o estudante Édson Luis de Lima Solto é morto pela ditadura, revelando o caráter sádico do poder, sendo um estopim para revoltadas crescentes em torno da idéia da liberdade política; em 04 de abril de 68, o pastor Martin Luther King é assassinado, líder que foi do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, após longa campanha de vida pela garantia de direitos à minoria negra e contra a discriminação; no embate de forças contra o governo conservador de Charles de Gaulle, o movimento estudantil, de 02 a 30 de maio de 68, na França, sob a liderança de Daniel Cohn-Bendit, provoca uma série de eventos de mobilização que geram mobilização civil generalizada, envolvendo operários, mulheres, minorias, em favor de diversas causas, entre elas a de reforma universitária; em 26 de junho de 68, na passeata dos 100 mil, a juventude e os movimentos sociais se reúnem para protestar contra a ditadura, marcando fortemente presença de oposição que haveria de criar as condições para o desenvolvimento de forças políticas contrárias à manutenção do golpe militar; em prol das causas e discussões a respeito do feminismo, Robin Morgan queima sutiãs em praça pública em Nova York, em setembro de 68, declarando guerra ostensiva à lógica de repressão à liberdade sexual e comportamental femininas; diversas manifestações, especialmente com o movimento *hippie* e suas filosofias de vida, dão nascimento à lógica da contracultura, que tem no movimento tropicalismo brasileiro (Gilberto Gil; Caetano Veloso; Nara Leão) um símbolo vigoroso de resistência (recorde-se das canções de Chico Buarque) ao imperialismo consumista e à lógica da indústria cultural mercadurizada.

Se todo esse conjunto de ebulições momentâneas não chegou a se consolidar em uma revolução política, e nem desses movimentos tenha nascido propriamente um modelo político concreto, apesar de conquistas localizáveis aqui e ali, ao menos, esse conjunto de lutas formou, do ponto de vista mais abrangente, e que repercutiu em transformações em todo o mundo, no caldo necessário para uma profunda *revolução cultural*. Maio de 68, por isso, pode ser tomado como o momento histórico de quebra de padrões comportamentais, de padrões sexuais, de emergência da liberdade sexual, da liberdade política, dos direitos de minorias, de redefinição do papel político da estética, de redefinição do papel da moral em direção ao pluralismo ético, de luta por redemocratização e pelo reconhecimento da diferença, questões que, em muitos de seus significados, redundaram na atual redação da democrática Constituição Federal, de 1988, que também incorpora o legado da dignidade da pessoa humana, vindo da Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948.

Hoje, as mulheres têm lugar no mundo do trabalho, as minorias reivindicam crescentemente lugar na consagração de seus direitos, a hipocrisia cedeu em muitos temas, a liberdade amplia suas fronteiras, a força dos movimentos sociais tem demonstrado grandes conquistas. Por isso, as cicatrizes históricas deixadas por esse período são incontornáveis para o pensamento crítico contemporâneo, que está tentando lidar com a questão até hoje, discutindo-a através do temário pós-moderno, bem como inesquecíveis são as conquistas de direitos que não podem ser desprezadas.

São Paulo, fevereiro de 2008.

Referências

LOUREIRO, Isabel (Org.). *Herber Marcuse: a grande recusa hoje*. Tradução de Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1999.

HELLER, Agnes; FEHER, Ferenc. *A condição política pós moderna*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de José Bragança de Miranda. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.